IMPRESSO

Monte Sião

64 Anos 1958 - 2022

A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m.
Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958 **Fevereiro de 2022 - Nº 596**

Diretores - Antonio Marcello da Silva (*1931-) - Pascoal Andreta (*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 -)

CRÔNICAS DA MINHA GENTE

RIQUEZAS

IVAN

Meu pai, desde quando nasceu pobre, foi pessoa muito rica até o dia da sua morte. Na verdade, um rico sem dinheiro, seria uma definição melhor e mais adequada ao seu modo de usufruir a vida.

Legou-me toda sua fortuna, mas eu não a guardei. Não por falta de empenho dele, mas por incúria minha, isto é, burrice mesmo.

Havia noites, por exemplo, que ao lado da minha cama de criança, ele cantava ao violão uma balada tão terna que me fazia adormecer antes do terceiro verso. Era assim: "Dorme, que estou ao teu lado, dorme sossegado, hum, hum, hum, hum. Nesses huns guturais e suaves eu já ressonava e sonhava com o que quisesse, pois, filho de rico sem dinheiro, não tendo preocupações financeiras, escolhe seus sonhos. O senhor ouviu falar de riqueza maior?

Quando em setembro as tardes se desfaziam do cobertor de agosto, pois começavam a aquecer a primavera, a gente ia pescar bagre no rio Eleutério. Eleutério, preste atenção neste texto, que na beira dele ele só atende por Lotério.

Sem explicações, que a ternura dispensa itens e artigos, ele me ensinava a admirar e cuidar da natureza, principalmente a enxergar o rio (só vemos aquilo que conhecemos, não sei onde ele leu Goethe), apenas sorrindo meiguice para as águas. O rio retribuía na forma de gorgolejos e percebia-se sua felicidade úmida. Daí que até hoje tenho me esforçado para adquirir um rio, só para mim, mas ninguém é suficientemente besta para, tendo-o, vendê-lo, emprestá-lo ou alugá-lo. Poxa, o rio é como a esposa, gente.

Os bagres, o mundo inteiro sabe, só são pegos na boca da noite, hora após o banho, quando eles saem para uma voltinha atrás das bagras de programa – permitam-me o feminino indevido – e se ferram duplamente: na safadeza e no anzol. Já, na garganta, eles somem para só retornar na madrugada, que traz igual encanto do entardecer.

Para não sugerir falso cansaço ou dar a entender que era hora de parar, meu pai me dizia, na qualidade de íntimo do rio, que no Lotério os bagres retornam por volta das dez da noite, e que deveríamos esperá-los. Enquanto não chegavam, poderíamos nos dedicar ao afazer de muita responsabilidade que era nomear as estrelas, pois a gente nem desconfiava que elas poderiam ter um nome ou prestar atenção na corredeira que murmurava, ou, ainda, edificar montinhos de areia, com todo o avanço tecnológico da engenharia moderna. Entre uma e outra coisa comia-se a merenda (à merda quem disser lanche).

Nós dois sentávamos, então, no areal, abaixo da ponte dos Furrier, que ainda está lá e não me deixa mentir. Do embornal de pano meu pai me dava um sanduíche de pão do Tonico com mortadela de Mogi-Mirim – dupla mais conhecida que Coutinho e Pelé, pela excelência da combinação – mortadela decorada com rodelinhas de toucinho escorregadio e pão tão santo que bem poderia representar o corpo de um cardume de anjos e o de Jesus de lambuja. Ali, a gente ficava parcamente iluminado pela réstia de luz amarela da vela no interior de uma lata de óleo Sol Levante, mas suficiente para revelar a felicidade que repartíamos na mesma proporção da merenda. Com a boca cheia eu olhava, como hoje ainda, o perfil daquele homem riquíssimo e tinha a premonição de que jamais seria como ele e não passaria de um coração baldio.

Ainda mordendo a mortadela que escapava pela beirada do pão, eu aguardava, com justificada angústia, pelo naco de queijo conluiado a uma feta de goiabada, o Romeu e Julieta. O Romeu era muito alvo e furadinho e a Julieta estava rosada e nédia.

Os bagres minha mãe fritava naquela mesma noite ou no almoço do dia seguinte devido a fortes motivos: fome, peixe fresco, falta de geladeira e o meu orgulho de fornecer a casa o alimento que eu arrebatara com intrepidez e apetite ao nosso caudaloso Lotério. Uma fortuna inextinguível. Uma fortuna considerável.

Meu pai também tentou me enveredar pelo encantado caminho das serestas, mas eu não tinha a alma disponível. Fui mau filho, não liguei para suas valsas. Hoje arrependo-me das noites perdidas sem um único sonho, sem uma janela aberta para escutar, a sarjeta deserta até de um cachorro que virasse lata no ritmo, noites perdidas assuntando o relógio pontual, mas sem voz.

Tentou também, pobre e sem êxito, a que me habituasse a misturar realidade e sonhos, com prioridade aos sonhos e, depois de bem chacoalhados e misturados ao saber qual era um, qual era outro. Péssimo aluno, aprendi a dura realidade e, em vez dos sonhos que não absorvi, carrego no bolso pílulas pontualíssimas que tiram, na hora exata, o sabor dos viveres.

Vou dar-lhe um exemplo, cansado e suposto leitor. Uma noite, meu pai tocava na sanfona e eu ouvia uma valsa de Zequinha de Abreu. Ele afiançou-me estar ao lado do grande músico, no Hotel Glória, enquanto compunha Tardes de Lindóia, dedicada à cidade que visitava. Caso tivesse sido convidado, certamente faria parceria na valsa e hoje seria tão renomado quanto o autor solitário. Talvez não fosse totalmente verdadeiro o caso contado por meu pai. Mas como ele propositadamente confundia alegoria com realidade, optou pela alegoria e, através dela, chegou a ser íntimo de um dos gigantes da nossa música popular. Acho que, terminada a composição, meu pai, num gesto de condescendência e modéstia, achou por bem apertar o ombro do Zequinha, animando-o e aprovando a valsa.

Foi depois de ele sagrar o ombro famoso com seu toque que me intimou para a minha primeira serenata. Forneceu-me informações sobre como se portar numa seresta, deu ordens definitivas a respeito do silêncio durante o derramar das melodias. Também, aconselhou-me, como se fosse possível, não sobrepor-me aos mais velhos, ícones intocáveis das noites musicadas; jamais corrigir os veteranos, pelo contrário, solicitar correções e, caso não tenha mais, não perguntar pela bebida, sugerindo "Não deixaram nada para mim?". Nessa noite, a da minha estreia, estive ao lado do Pascoal, do Horácio, do Elpídio, do Tonico (o mesmo do pão) e do Rodolfo, fora meu pai. Companhia segura, competente, pura e comovente como essa, nem o Papa em seu papamóvel com os cristãos lançando louvação atrás. Tudo em vão. Não aprendi, para a tristeza e decepção do meu pai. Tinha eu 16 anos e, meu pai, 40. Vejam como numa seresta a matemática é desimportante: o jovem era ele. Eu, o velho decrépito.

Toda essa fortuna eu deixei perder como filho malcriado e ingrato, reles cumpridor do seu dever; bajulador de horários determinados, batendo continência antes do tempo, comendo às pressas e parcamente, por ser de disciplina; dando gratuitamente satisfação dos atos, mesmo os recomendáveis, cumprimentando pessoas quando deveria resguardar-se e sorrindo quando o peito opresso.

Tento voltar, cabisbaixo como o filho pródigo. Meu pai está morto. Não haverá festas. Estou tão pobre – embora com algum dinheiro no banco, incomodado – que procuro alguém a quem pedir mesmo que seja uma saudade. Mas é tarde. Dolorosamente, tarde. A um coração baldio tudo pode ser negado.

Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020

Sonho de quase meio século

JOSÉ AYRTON LABEGALINI
PRESIDENTE DA FCPA

A Fundação Cultural Pascoal Andreta (FCPA) foi instituída no dia 08 de dezembro de 1982 com o objetivo primordial de ser a mantenedora do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião (MHGMS), este idealizado no mês de janeiro de 1975 e inaugurado no dia 10 de julho de 1983. A Fundação foi declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei N° 972 de 18 de outubro de 1984, de Utilidade Pública Estadual pela Lei N° 15.239 de 16 de setembro de 2004 e de Utilidade Pública Federal pela Portaria Nº 347/DOU de 15 de fevereiro de 2012, tem o cadastro na Secretaria da Cultura do Estado de Minas Gerais sob o N° 732 e Cadastro Geral do Contribuinte – CGC 17.414.639/0001-02.

A decisão de se fazer um museu em Monte Sião foi tomada em janeiro de 1975, em uma reunião na residência do Ivan Mariano Silva e com a presença do Segismundo Gotardelo (Cid), José Cláudio Faraco, José Airton Zucato e José Ayrton Labegalini. Logo em seguida foi dado início à coleta de peças para a formação do acervo, que foram sendo armazenadas no porão da casa do Ivan; em pouco tempo esse espaço ficou exíguo e o primeiro entrave já apareceu: local espaçoso para guardar o material conseguido. O Prefeito da época – Antonio Oswaldo Bernardi (Todi) – se disponibilizou em viabilizar o aluguel de um espaço, e a viabilização dos recursos foi arquitetada pelo seu Secretário Geral – Lourenço Guireli Júnior (Lola); no entanto, a solução veio pela cessão, por parte da Prefeitura, do prédio até então utilizado pela Associação de Crédito e Assistência Rural (ACAR), que se mudou para outro lugar; esta era uma edificação que existia onde hoje é a Casa Paroquial.

Em março de 1976, já com pouco mais de um ano de atividades na formação do acervo, o novo prefeito – José Carlos Francisco –, sem ser solicitado (mas certamente influenciado pelo Lola), prometeu o prédio da "Escolinha Infantil" para a instalação do Museu, já que a "Escolinha Infantil" seria transferida para outro endereço. Em julho de 1977 o prefeito reiterou a promessa da concessão da "Escolinha Infantil", ainda pendente o espaço para a nova "Escolinha". Com a morte trágica do José Carlos Francisco em 1979, o Lola foi nomeado para complementar o mandato; dois dias depois da posse o novo Prefeito comunicou o seu desejo de ver o museu aberto já para a próxima feira do tricô (em 1980). Imediatamente, o Lola cedeu o imóvel da "Escolinha Infantil" para a edificação do Museu; a concessão, já aprovada pela Câmara em 1976, foi feita, mas não foi documentada; o imóvel cedido era o prédio da "Escolinha" (atual Primeira Seção do Museu - Sala de entrada) e a área descoberta ao lado, onde funcionava o parquinho da escolinha (atual Segunda e Quinta Seções do Museu - Sala rural e Mezanino).

Com a edificação do Centro Educacional "Professor José Pennacchi" (atual prédio da Prefeitura Municipal), concluído em 1980, ficou entre este prédio e a "Escolinha Infantil", então já cedida ao Museu, um corredor livre com quase três metros de largura. Em 1986, foi solicitado ao então Prefeito - Antonio Oswaldo Bernardi (em segundo mandato) - a concessão desse espaço, para a ampliação do Museu; o pedido foi atendido parcialmente, pois a prefeitura tinha planos de alterar a entrada do Centro Cultural usando parte desse corredor (essa alteração nunca foi feita e o corredor continuou como terreno vago). Somente em 1989, a Fundação iniciou o uso desse espaço cedido pelo Todi, aí foi edificada a galeria de fotos, (atual Terceira Seção do Museu – Pinacoteca e a Quinta Seção do Museu – Gruta, esta no subsolo).

Em 2004, quase quatro décadas depois de idealizar o Museu e quase duas décadas na Presidência da Fundação, o Ivan pediu para "passar o bastão" para outro conselheiro e indicou o José Ayrton Labegalini para substituí-lo. Em 2007, o novo Presidente da Fundação foi convidado, pelo Prefeito José Rafael de Castro Ribeiro, a assumir a pasta da Diretoria Municipal de Obras e Serviços Urbanos e Rurais do Município.

Já em 2007 e com a ciência do Prefeito, o Diretor de Obras iniciou as tratativas internas na Prefeitura para a efetivação da escritura do imóvel cedido pela Prefeitura à Fundação, mas até então não escriturado. Atendendo ao pedido do Diretor de Obras, o topógrafo prestador de serviços para a Prefeitura – José Antônio Lino – fez o levantamento topográfico do terreno, que como lote único incluía a área usada pelo Museu e pela Prefeitura, registrada em 1957 na Matrícula de Nº 7.885. O Chefe de Governo, Planejamento e Gestão da Prefeitura – Benedito Simões – redigiu uma minuta da lei para ser submetida à Câmara Municipal, em 18 de outubro de 2007 foi aprovada a Lei Municipal Nº 1817 que autorizou o Executivo Municipal a doar o imóvel de 640,14 m2 que especifica à Fundação Cultural Pascoal Andreta, área esta a ser desmembrada da matrícula já citada.

Promulgada a Lei Nº 1817 foi dado início aos trâmites da escritura definitiva do imóvel para o nome da FCPA. No entanto, a área levantada não coincidia com a área registrada no Cartório de Registro de Imóveis; então, antes de se escriturar a doação foi necessário fazer a retificação da área total do imóvel seguida do seu desdobro (desmembramento de um lote em dois menores), isso só foi sacramentado em 28 de dezembro de 2012. Lavrada e assinada a Escritura de Doação, a mesma foi encaminhada para o Cartório de Registro de Imóveis para o devido registro, este efetuado em 23 de setembro de 2013, sob a responsabilidade do Conselheiro e Cartorário José Cid Gotardelo. Nesta escritura e registro consta a doação de um terreno, mas não faz menção à edificação, que remonta à década de 1960 (Escolinha) e de 1980 (expansão da área rural) e 1990 (edificação da pinacoteca e gruta).

Considerando-se que a FCPA recebe recursos de subvenção da Prefeitura Municipal de Monte Sião, ela se obriga à prestação de contas nos moldes do poder público e fica sujeita às análises do tribunal de contas de do Ministério Público de Minas Gerais. Na prestação de contas enviadas ao MP-MG anualmente, sempre aparecem despesas de manutenção predial, tais como pintura, revisão de iluminação, dedetização, reforma de telhado, etc.; não demorou muito para a Fundação ser questionada sobre essas despesas, já que a Fundação não tem um imóvel (prédio) e nem apresenta um contrato de aluguel para o Museu. Aos olhos da lei a Fundação tem um Museu e um imóvel sem edificação.

A Fundação foi "obrigada" a regularizar a existência do prédio do Museu. A arquiteta e Conselheira da Fundação – Maria Terezinha Salomon – foi encarregada de fazer o Projeto Arquitetônico para a regularização do prédio do Museu, o projeto deu entrada na Diretoria de Obras da Prefeitura em 15 de outubro de 2019, sob responsabilidade perante o CREA do engenheiro e Presidente da Fundação – José Ayrton Labegalini –; os trâmites internos na Prefeitura para aprovação da regularização foi acompanhada pelo engenheiro e Conselheiro Marcelino A. Vicentin, que assinou o HABITE-SE na data de 19 de novembro de 2019. Tudo parecia estar pronto para pedir a averbação da construção no terreno, junto ao Cartório, mas aí descobriu-se nova necessidade: comprovar a regularidade da construção no INSS.

Nova batalha foi travada, agora sob a responsabilidade do Tesoureiro da Fundação – Charles Cétolo – para comprovar que o prédio do Museu é uma construção antiga, embora seu HABITE-SE seja recente, portanto com o INSS já decadente. Quase dois anos se passaram enquanto corríamos atrás de declarações e documentos, até que o cartorário e Conselheiro – José Cid Gotardelo – comunicou que o prédio do museu havia sido averbado na escritura do terreno, isso aconteceu em 13 de dezembro de 2021 - foi a sacramentado um **Sonho de quase meio século.**

SOBRE O MUSEU HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA, EM SÃO PAULO, E O MUSEU HISTÓRICO GEOGRÁFICO DE MONTE SIÃO: A DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA É FEITA DE PEQUENOS DETALHES.

L. A. GENGHINI
YOSHIHARU ENDO

Dia 21 de Janeiro de 2022! Como faço todas as manhãs, ao me preparar para o trabalho, leio uma das crônicas do Ivan (SILVA, Ivan Mariano, Crônicas de Minha Gente, 1ª ed. Monte Sião: Acervo Editora, 2020). A crônica de hoje, "Monte Sião – 159 anos", escrita em 2008, rende citações e homenagens a diversas famílias que ajudaram na construção da cidade, dentre elas, as japonesas.

Na página 156, referencia: "Bem mais recentemente, em busca de trabalho, trabalho e trabalho, os japoneses, sem dia, sem hora, sem escolha de serviço, alheios ao tempo, mas sempre atenciosos e reverentes: Shimoda, Takahashi, Shibuta, Nakamura, Uemura, Izumi, Shinohara, Okido, Kano e outros olhos amendoados que nos surpreenderam e nos ensinaram a disciplina".

Pois é, coincidência ou não, o amigo Yoshiharu Endo, que já publicou poesia no Monte Sião, tinha nesta data, 21/01/2022, compromisso no Museu da Imigração Japonesa no Brasil, mantido pela BUNKYO – Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa e de Assistência Social, na Rua São Joaquim 301, bairro da Liberdade, São Paulo, e me convidou para acompanhá-lo na reunião/cerimônia. Tratava-se de evento reservado, em tempos de pandemia, onde o Endo entregaria algumas relíquias a serem incorporadas ao acervo.

Coisas de imigrante, sem muita importância a qualquer olhar desinteressado, porém, muito relevantes e significativas às pessoas mais sensíveis ao culto das origens, da história, da formação, enfim, de nossa identidade cultural.

Numa redoma de vidro, preparada com engenho e arte por especialista, destacava-se com pompa e autoridade a bola de beisebol que no Campeonato Infantil Regional da Zona Noroeste de São Paulo, disputado no Estádio Municipal de Mirandópolis, SP, tendo como adversário na final o time de Araçatuba, no dia 07 de julho de 1963. Aquela bola que, no último lance da partida, ficaria com aquele jogador que a tivesse em mãos, como um troféu, uma recordação. Assim, com o time sagrando-se campeão, o felizardo, o ungido, o humilde menino da roça a ter a posse da bola no último lance foi o Yoshiharu Endo, que guardou-a intacta, conservada e com os nomes do jogadores gravados a caneta tinteiro Parker 51, para garantir que a memória não o trairia com o tempo. Aquele momento mágico, especialíssimo, em que ele conheceu a felicidade em toda a sua intensidade, o momento de sentir-se único, ocorrido há uns sessenta anos, foi sutilmente capturado em poesia, outra paixão do Endo:

"Beisebol
Aquela rebatida e bola ao alto;
Apanhar será decisivo;
Como um destino ela veio ao meu encontro e
A última bola se aconchegou na minha luva.

Naquele momento, tudo explodiu em meu peito;
Alegria, emoção, superação e vitória;
Ponto de virada em minha vida;
Naquele troféu da última bola."

Aquela foi a última partida que o Endo jogou no time do Mirandópolis, depois seguiu com a família para São Paulo, a fim de tentar vida nova.

Para que a referida bolinha de couro, troféu do Endo, que agora pertence à comunidade japonesa, não se sentisse solitária na redoma, foi necessário encontrar uma luva de beisebol adequada para servir de berço enquanto ela repousa. Foi o antigo jogador do time, colega do Endo, Sergio Massashi Hashizume, também presente na reunião acompanhado de sua esposa Lucia Keico Hamada Hashizume, que vasculhou seus baús e encontrou uma luva usada pelo seu filho, nos anos 70 e 80. Diga-se que o beisebol, embora pouco difundido no Brasil, é o esporte preferido dos japoneses, logo, dos nisseis e descendentes.

Na mesma redoma, ao lado da bola que repousa no aconchego da luva, há, também, um painel de dupla face com a fotografia do time flagrada naquele dia, e os nomes de todos os jogadores que estiveram em campo naquele jogo.

Além do referido acervo, Endo, entre juras de se dedicar a contribuir na ampliação do quadro de sócios, entregou, também, um raro exemplar do livro lançado em comemoração aos 45 anos da Aliança II, núcleo de colonização na município de Mirandópolis, em idioma japonês, organizado por Massaharu Shiozaki, e sua respectiva tradução para o português. Livro raro, esgotado e fundamental para a compreensão da imigração japonesa ocorrida na região de Mirandópolis, noroeste do estado de S. Paulo.

Na ocasião, o grupo em visita ao museu, para cumprir o protocolo, foi composto por Yoshiharu Endo, Sergio Massashi Hashisume e sua esposa Lucia Keico Hamada Hashizume, Takashi Tanaka e sua esposa Luiza Satsui Kawaoka Tanaka e este observador, que teve boa parte da vida ligada à cultura japonesa, desde as lavouras de tomate, as pescarias e a amizade da família Izumi em Monte Sião até o convívio no bairro da Liberdade como estudante ou profissional por mais de 30 anos.

O grupo foi recebido pela Presidente da Comissão de Administração, Lídia Reiko Yamashita, que gentilmente acolheu as doações e comandou agradável conversa sobre o Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil e sobre acontecimentos característicos do processo de adaptação dos imigrantes à nova terra, aspectos de convivência social, o cooperativismo, as limitações, até as humilhações às quais foram expostos no período da Segunda Guerra.

Tarde ímpar, aconchegante e produtiva. Tomara que muito mais pessoas se interessem pela preservação da história e da construção da identidade de uma nação.

Monte Sião, também, mantém vivo este sonho por intermédio da Fundação Pascoal Andreta e do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião, inaugurado em 10 de julho de 1993, com a finalidade de preservar a história de nossa pequena e acolhedora Monte Sião, encravada no extremo sul de Minas Gerais.

Saiba mais: https://www.bunkyo.org.br/br/home/ e https://fundacaopascoalandreta.com.br/.

Nossa bela Monte Sião / Nosso belo jornal

TONINHO GUIRELI

Pois é! Estava eu revisando, ou melhor, rebuscando nas páginas de vários jornais "MONTE SIÃO", talvez procurando encontrar alguma crônica escrita pelo inesquecível Ivan Mariano, que pudesse nos levar a alguma história antiga e que fosse de encontro às maravilhas que o mencionado mestre, todo mês nos brindava nas esperadas páginas de nosso Jornal, apreciado por todos.

Recebi hoje, com um pouco de atraso, o exemplar do "Monte Sião", de número 594, e que é de dezembro de 2021. E saibam que o número 1, ano 1, é datado de janeiro de 1958! Já 64 anos, portanto! E observo que esse exemplar informou que "Saíram finalmente os dois milhões, necessários aos trabalhos de reforço do Abastecimento d`Água da cidade, que já foram iniciados o mais rápido possível, conforme o Senhor Prefeito; legal né? Como se pode perceber, muitos anos se passaram; e já estamos dentro do mês de fevereiro de 2022. É minha gente! O tempo passa!"

E embora eu resida em Valinhos, SP, bem próximo a Campinas, sempre que posso vou até Monte Sião, MG, ver meus bons amigos e parentes, e passar algum tempinho em meu pequeno sítio no Bairro do Furrier. E quando o tempo está bom para pescar, nós pescadores aproveitamos para pegar umas lambaris e tilápias, pois isso alegra todo o pessoal. E isso é bom demais!

O que me chamou a atenção, desta feita, foi que descendo a Rua Direita percebi inúmeras casas bem pintadas, cores bonitas, algumas casas até reformadas e modificadas quanto a seus aspectos, e com belas aparências. E isso me chamou a atenção, agradando a mim e com certeza ao povo que estava apreciando as novas aparências. Muitas instalações realmente foram reformadas, e assim deram um "toque" todo especial deixando a nossa Rua Direita bem mais bonita. Pareceu-me que algumas casas realmente promoveram modificações, e assim elas ficaram bem mais bonitas, modernizando até seu visual. Isso, de uma certa forma, agrada aos moradores, ao dono da loja, ao visitante, e também `aqueles que promoveram as alterações, tornando-as com aparências bem melhores, e dessa forma agradando-as e melhorando muito seu aspecto.

E isso é muito bom, pois temos a nossa Praça e o nosso Jardim, maravilhosos, e agora também os novos detalhes que acabam emoldurando essas casas e seus novos aspectos. E assim, a nossa bela cidade, mais o maravilhoso jardim, e suas novas construções, tudo isso serve para emoldurar algumas outras construções, que com pequenas modificações podem também mostrar aos visitantes, que temos bom gosto e que também buscamos agradar aos visitantes que aqui chegam, causando a eles uma boa aparência, e mostrando que temos uma bonita cidade, que nos alegra e que também impressiona e muito aos nossos visitantes. Eu ia me esquecendo, mas agora já temos um novo prédio, localizado ao lado de nossa suntuosa praça, e eu já estou querendo ir a Monte Sião visitar esse novo prédio, e quem sabe já negociar um apartamento. De repente, quem sabe? Volto a morar em Monte Sião, e ainda na Praça? Legal! E o prédio ficou em um local bem agradável, ao lado de nossa monumental Praça e de nossa bela Igreja Matriz. Assim que possível, vou conhecer esse novo prédio e, quem sabe, gostar de suas instalações e, talvez vá até negociar com o pessoal responsável. E quem me diz, que eu não consiga comprar um apartamento em Monte Sião, e deixar Valinhos, SP e assim voltar à querida Monte Sião? Tudo pode acontecer!

Voltando às belas flores, às mudinhas de várias e belas espécies, multicoloridas, acredito que nosso belo jardim, fez amizade com algumas flores bem bonitinhas, bem ali do lado, e não se fez de rogado não, e foi logo derramando algumas mudinhas de belas espécies, multicoloridas e que combinaram com outras já plantadas, e não se fizeram de rogadas, pois já foram se familiarizando com outras belas flores, e acabaram se juntando às de outras espécies, cujo conjunto se tornou muito belo e agradável, deixando nosso povo monte-sionense mais contente ainda, e assim fazendo com que todos nós ficássemos cada vez mais alegres, e também mais contentes ainda com a bela aparência de novas ruas e com o orgulho desse belo espetáculo, proporcionado pelas flores;

Nossa Praça continua muito bonita, e sempre aberta aos fotógrafos e seus intermináveis "clicks". As bonitas árvores, as roseiras e suas belas rosas, a grama sempre verdinha e bem podada, as diversas espécies de flores, tudo isso é oferecido gratuitamente aos visitantes, e mais nossa Igreja Matriz, que do alto parece abençoar sempre aqueles que nos visitam, e que recebem em oração todos aqueles que para lá se dirigem.

EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 -)

Conselho Administrativo – Bernardo de Oliveira Bernardi, José Cláudio Faraco e Alessandra Mariano Silva Martins.

Diagramação – Luis Tucci - MTb 18938/MG
Fotografia – José Cláudio Faraco
Direção financeira – Charles Cétolo
Secretário de Redação – Carlos Alberto Martins
Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Alessandra Mariano, Arlindo Bellini, Aroldo Comune, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Eraldo Monteiro, Ismael Rielli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gotardelo, José Alaércio Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Tais Godoi Faraco, Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 20 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censode 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

Supermercado e Casa de Carnes
Oliveira
A melhor carne da região!
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000
(35) 3465 1817 / 3465 2109

SUPERMERCADO SHIMODA
Onde seu dinheiro compra mais
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175
Monte Sião - Minas Gerais

105 AUTO PEÇAS
vivo 9 9852 5105
3465 3105 - 3465 5105

AGULHAS E ACESSÓRIOS PARA RETILÍNEAS
Representante Autorizada da marca KERN-LIEBERS
DERBY Têxtil
Av. Monte Sião, 925 Bela Vista Águas de Lindoia/SP
(19) 3824.2499
(35) 99138.0307
Trabalhamos com remalhadeiras "Complet" novas e usadas
- Agulhas e platinas para retilíneas
- Agulhas e ponteiras para remalhadeiras
- Bobinas e seletores
- Óleo lubrificante
- Klimp para limpeza interna

MAZA PNEUS
ALINHAMENTO E BALANCEAMENTO DE RODAS, ESCAPAMENTOS, AMORTECEDORES, BATERIAS
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38 (ANTIGO MATADOURO)
3465-5463

DROGARIAS ULTRA POPULAR
Rua Presidente Tancredo Neves, 373 - Centro (em frente ao Itaú) (35) 3465-1120 / 3465-5633 Monte Sião/MG
Rua Argentina, 19 - Centro (no Balão) (19) 3924-1196 Águas de Lindoia/SP

MECÂNICA NETO'S ar
nacionais e importados
Ernesto A. G. Bacellar
Engº Mecânico Automobilístico
Fone: (35) 3465 2772
Rua Jair Zucato, 136 - Centro (Prainha)
Monte Sião - MG CEP 37580-000

dynamise
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais
(35) 3465 2060 (35) 98815 2060
Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG
dynamisemanipulação Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

DELTA FOTO PAPELARIA
Mania de vender mais barato!!!
Material Escolar e para Escritório
Suplementos para Informática
Cartuchos compatíveis e remanufaturados
Fotos 3 X 4 na hora
A MELHOR E MAIS BARATA
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS
35 3465-3124
Av. das Fontes, 136-C -Monte Sião

Programe sua festa - nós temos o local!
RESTAURANTE DA LICINHA
Espaço para 250 pessoas
Km 6 da Rod. M.Sião - O.Fino -(35)3465 1355 – 9 9114 9447

MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - Nº40

ISMAEL RIELLI

Estudante, deixe os livros,
E volte-se para min;
Mais vale um dia de amores
Que dez anos de latim

****

Há um bom tempo baniram o Latim do currículo escolar. Era ministrado nas 4 séries do ginásio. Língua difícil de aprender, uma língua lógica com suas declinações – nominativo, genitivo, dativo, acusativo, vocativo e ablativo.

Era muito importante para melhor compreender a nossa "Última Flor do Lácio, inculta e bela".

Na Alemanha Germânica os alunos têm a opção de estudar o Latim – o Alemão também têm declinações – ou o Francês. Meus netos alemães optaram pelo Latim.

Por aqui, sem clemência, cassaram também o Francês – outro grande pecado contra a cultura. A coqueluche, a bola da vez agora é o Inglês.

Até a década de 70 – grupo, ginásio e colégio – estudava-se Francês do 1º ao 4ºano ginasial. O Inglês entrava nas terceiras e quartas séries. Então mataram o Francês e robusteceram o Inglês.

Os cursos de letras da USP tinham três vertentes:

- Neolatinas: Latim, Italiano, Espanhol e Francês.
- Anglo Germânicas: Latim, Inglês e Alemão.
- Vernáculas: Latim e Grego.

As mudanças no mundo, principalmente na segunda metade do século passado, foram avassaladoras.

O que era importante virou desimportante e os currículos escolares foram-se adaptando às novas realidades e surgiram muitas disciplinas novas, com um sério problema: sem professores preparados para ministrá-las.

Será que vai dar certo?

"Faz escuro mas eu canto"

É o título do livro de poesias do recém-finado extraordinário poeta da Amazônia – Thiago de Mello.

Sua obra reflete os anos de chumbo por que passamos.

****

Do antológico poema "Os estatutos do homem" transcrevemos alguns artigos:

Artigo I. Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida, e que de mãos dadas, trabalharemos todos pela vida verdadeira.

Artigo II. Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras mais cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de domingo.

Artigo III. Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.

Artigo IV. Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.

Parágrafo único: o homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.

****

Se existe piada ignominiosa essa na certa é uma delas. Manoel e Joaquim (a dupla dinâmica) pescando em médio mar (não era nem alto nem baixo) quando de repente o barco vira. O Manoel sabia nadar muito bem, e o Joaquim nada nadava. Ai o Manoel puf, puf, até a praia...

- Ufa, eu estou salvo, agora vou voltar pra salvar o Joaquim...

****

Os dois já estavam casados há quatro anos e cada ano era um filho. Um dia a Maria fechou os jornais e falou muito sério pro Manoel.

- Olha aqui ô Manoel, vamos parare com esse negócio de filhos, eu não quero ter o quinto filho.

Muito surpreso o Manoel ainda tentou argumentar:

- Mas ô M'ria, não gostas de crianças?

- Gosto. Mas é que não gosto de ter chineses cá em casa.

- Chineses?!? Gaguejou ainda mais surpreso o marido.

- É sim senhore! Tu não leste os jornais? Aintão não sabes que cada cinco crianças que nascem, uma é chinesa?

****

O Avante.

É o título do tabloidinho mensal do grupo escolar Dr Francisco Tozzi, de Thermas de Lindóia.

Ele não se restringia a notícias da escola; preenchia o vácuo da ausência de um jornal da cidade e dava notícias das principais acontecências, inclusive com suas colunas sociais que informavam nascimentos, casamentos, batizados e falecimentos.

Pelas páginas da edição Nº41 de outubro de 1956, tomamos conhecimento do passamento, em Monte Sião, com apenas 50 anos do Sr. Abílio Zucato.

"Faleceu dia 22 do corrente, na cidade de Monte Sião o Sr Abílio Zucato, onde exercia o cargo de coletor estadual. O extinto era casado com D. Olga Penachi Zucato, contando com a idade de 50 anos. Deixa 2 filhos: o Sr. Rubens Zucato, casado, farmacêutico, e o jovem Sidney Zucato, estudante. Eram seus irmãos o Sr. Mário Zucato, farmacêutico e prefeito municipal de Monte Sião, casado com D. Edna de Castro Zucato; D. Pascoalina Zucato Mantovani, casada com o Sr. Cirilo Emilio Mantovani, proprietário dos Hotéis Boucault e Lago, aqui residentes; Sr. Basilio Zucato, fazendeiro, casado com D. Francisca Pelegrini Zucato; D. Leonilda Zucato Mantovani, casada com o Sr. Orestes Mantovani; D. Italia Zucato Pachioni, casada com o Sr. Odair Pachioni e D. América Zucato Romanon, casada com o Sr. Vicente Romanon. Ao seu enterro compareceu enorme massa popular, pois o extinto era bastante estimado em Monte Sião, notando-se também inúmeras pessoas desta cidade, de Socorro e Ouro Fino. O Avante envia as sentidas condolências à família enlutada."

****

Personagens que viraram adjetivos:

Conselheiro Acácio de O Primo Basilio de Eça de Queiroz era o rei das platitudes. Com ares de sapiência desfilava obviedades.

Vejamos o que diz o Aurélio:

Acacianismo: Dito ridiculamente sentencioso, à maneira daqueles do conselheiro Acácio, personagem do romance O Primo Basilío de Eça de Queiroz, escritor português (1845-1900); atitude de irrisória gravidade, própria de indivíduo Acaciano.

Acaciano: sentencioso, ridículo pelas palavras convencionais e vazias de sentido ou aparatosa gravidade das maneiras Olavista.

Refere-se ao "grande" filósofo, guru dos bolsonaros, Olavo de Carvalho, de triste memória, que não deixará saudade. Seus indicados Ernesto Araújo do Itamarati, Abraham Waintraub da educação foram muitos nocivo ao país.

O mito de pés de barro está ruindo e logo estiolará acompanhado do olavismo, substantivo que sumirá do nosso vocabulário. Ninguém vai se lembrar nem preocupar-se com esses desimportantes.

****

Se onde se mata um homem
Por uma cruz é preceito,
Tu deves trazer, Maria,
Um cemitério no peito.

A Covid me pegou

LÍCIA MANGIAVACCHI

21 de dezembro de 2021, uma dor de garganta, fraqueza e sensação de gripe forte tomaram conta de mim. Fiz o teste e deu positivo. COVID-19! Sim, ela me pegou.

Custei a acreditar e resolvi refazer o teste.

No laboratório, brinquei com a atendente. Pedi: "Se eu pagar mais caro, tem como o resultado dar negativo?". É claro que essa opção não existia e eu sabia da minha responsabilidade com cada parente, cada pessoa que poderia ser contaminado se eu não fizesse o isolamento social da maneira recomentada pelos especialistas.

Enquanto aguardava a minha vez de fazer o exame, admirei a paisagem, olhei para o céu, as árvores.... Aproveitei cada segundo fora do meu quarto. Aquele era um prazer que eu sabia, levaria dias para ter de novo e que muitas vezes nós temos, mas não damos valor.

Me lembrei de quando a pandemia começou. Lá em 26 de fevereiro de 2020, um dia após o fim da maior festa popular brasileira, o Carnaval, quando o Brasil confirmou o primeiro caso de covid-19!

Eu, depois de anos e anos sonhando em curtir a folia em Salvador, na Bahia, tinha acabado de voltar para casa. Dancei axé como se não houvesse amanhã. Mas, houve. E que amanhã! Me lembro de chegar em casa e meu pai dizer: "vou te deixar de quarentena no quarto, para o caso de você estar contaminada com o corona vírus". Era uma brincadeira, claro. Naquela época ainda estávamos naquele período em que pensávamos: "não vai acontecer comigo". Tudo parecia muito distante de nós.

Aos poucos, alguns amigos, conhecidos foram contaminados, vi amigos perdendo pais e parentes. A doença se espalhava e eu tinha que seguir trabalhando. Jornalista tem que levar a informação à população. Não pode parar. O medo aumentou e depois diminuiu.

Os dias, os meses e os anos passaram e por sorte passei ilesa durante um bom tempo. Até que...

Meu deleite dos tempos em que estava com a saúde em dia foi interrompido quando chamaram pelo meu nome. Era a minha vez de fazer o PCR. Ôôôô exame chato, né gente?! Após sobreviver ao cotonete no fundo do meu nariz, voltei para casa e me isolei. Horas depois o resultado: positivo novamente. Não havia mais dúvidas.

Era necessário ficar sozinha no meu quarto e comecei a lembrar o que poderia fazer já que teria que ficar dez dias isolada. Tenho tantas coisas para fazer, pensei. Escrever meu livro, editar meus vídeos de receitas, ler livros, colocar as séries em dia, assistir aos filmes novos. Planos e mais planos que não foram cumpridos nem no primeiro, nem no segundo dia, nem nenhum outro. A minha cabeça ficou a mil! É impossível parar para fazer algo que necessita de concentração. Impossível! Até mesmo dormir é difícil. Precisei da ajuda de um calmante natural para conseguir relaxar.

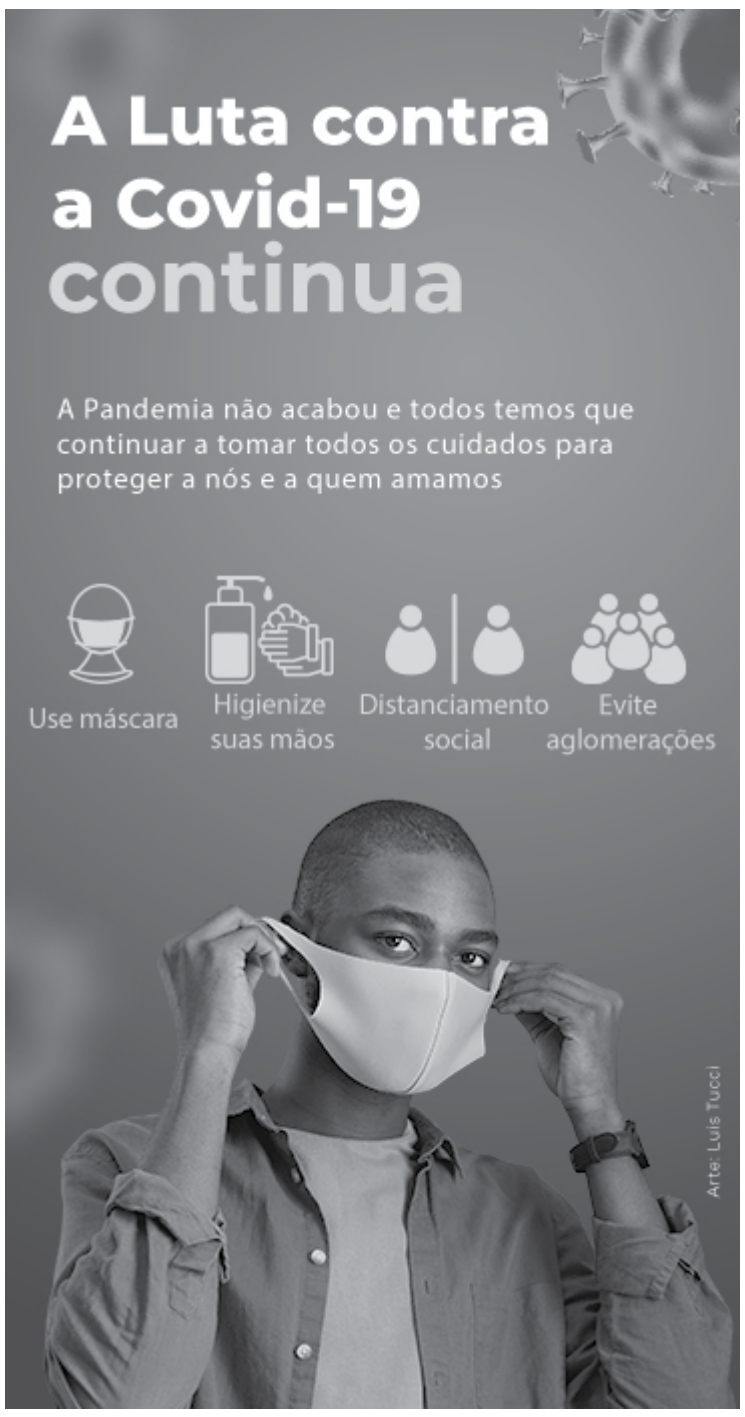
Não sei explicar o que acontece. Um misto de moleza e fraqueza tomam conta da gente e por mais que você queira se levantar, sempre volta a se deitar. Ao mesmo tempo que as horas passam devagar, quando a gente vê já passou o dia todo e não fizemos nada de útil.

Banho? Ah, isso sim... Tomei vários! Não havia o que fazer, então eu tomava banhos que me ajudavam a relaxar. Quando não estava tomando banho, tomava xarope para tosse, vitaminas, água pra hidratar, descansando, descansando, descansando e medindo o nível de oxigenação.

Que loucura! Algo que a gente nunca fez na vida, passa a ser o principal. Se baixar de 94%... Atenção! Quando o corona vírus te pegou esse número é preocupante: "vou morrer!".

Pensei isso mil vezes enquanto minha cachorrinha não entendia nada. Cada vez que abri a porta do meu quarto e peguei a comida, lá estava ela como um soldado fazendo a minha segurança e me esperando sair. Mas eu não saia. Ela tentava me chamar, pulava na minha perna, queria que eu fosse brincar... em vão.

Eu, Lícia Mangiavacchi, sou hoje só mais uma que lutou contra a doença. Aprendi na pele que com a covid-19 não se brinca.



Belos filmes para assistir ou rever

J. CLAUDIO FARACO

Alien, o 8º Passageiro (1979): com Sigourney Weaver. Direção de Ridley Scott. Impressionante e assustadora ficção, quando um ser alienígena consegue invadir uma nave espacial que voltava para a Terra, após vários anos de viagem a outros planetas.

Amargo Pesadelo (1972): com Burt Reynolds (em seu melhor desempenho na carreira), John Voight e outros. Direção: John Boorman. Como um simples passeio de quatro amigos, acaba se transformando numa inesperada tragédia. Atenção para o belíssimo e antológico duelo de banjos. Imperdível!

O Anjo Azul (1959) – Direção de Edward Dmytryk. Com Curd Jurgens e May Britt, a belíssima sueca com apenas 25 anos que imigrou para os States em busca de fama. Exibido em nosso saudoso Cine Brasil no dia 25 de Julho de 1964.

Caçada Humana (1966) – Direção do ótimo Arthur Penn. Com Marlon Brando, Robert Redford, Jane Fonda e outros. Nota: observar sempre o Diretor, pois ele é que comanda os atores, e concede a qualidade ao filme.

Sete Noivas para Sete Irmãos (1954) – Direção: de Stanley Donen. Com Jane Powell, Russ Tamblyn e outros. Delicioso e divertidíssimo musical, com belíssimas paisagens, ótimas coreografias e grandes exibições. Exibido no Cine Brasil em 16 de Maio de 1965.

A Dama de Vermelho (1984) – Direção de Gene Wilder. A atriz principal, Kelly LeBrock, belíssima e sensual, no auge do seu esplendor, deixa o ator principal Gene Wilder (ele que é também o Diretor) e que tenta a todo custo conquista-la e toda a plateia masculina, paralisada e obcecada por ela. Vale a pena ver e rever.

Da Terra Nascem os Homens (1958) – Direção de Willian Wyler. Com Gregory Peck e a lindíssima lourinha Carrol Backer, à época com 27 anos, a mais bela do cinema pós Marilyn Monroe. Um dos maiores "western" de todos os tempos! Exibido em 12 de Dezembro de 1968. Como referência, este Diretor foi o mesmo de um dos maiores clássicos da história do cinema: Ben-Hur, de 1959, filme ganhador de 11 Oscar, com Charlton Heston e Stephen Boyd.

Sebo do Ismael

Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7, Aparelhos eletrônicos, Antiquário

Praça Cavalinho Branco – 410 – Águas de Lindoia – SP
Telefone: (19) 3824-1507 WhatsApp: (19) 99343-9180

A melhor internet do Circuito das Águas Paulista

TELESON TELECOM

Águas de Lindoia: (19) 3824-3671
Monte Sião: (35) 3465-4963
WhatsApp: (19) 99773-1001

O silêncio e o vazio

VALDO RESENDE

Há tanto barulho por aí! Motores por todos os lados e direções, buzinas, apitos, ranger de freios. Carros com som para enlouquecer transeuntes e ensurdecer o proprietário do veículo. E os vendedores! Morango, ovos fresquinhos, pamonha de Piracicaba. Há sempre gente falando alto, ou conversando com o vazio pelas ruas, agarradas nesses aparelhinhos enlouquecedores, ou falando entre si, discutindo, gritando, brincando ou brigando, mas sempre fazendo algum ruído, menor ou maior, sempre fazendo barulho.

Nessas horas de alvoroço sinto saudade de Uberaba, com suas tardes quentes, modorrentas, quando a população se aquieta e a cidade aparenta um imenso vazio povoado de pedras, asfalto e árvores. Os pássaros, sempre gentis para com os humanos acompanham o ritmo reinante. A cidade, recolhida, renova energias desfrutando o silêncio.

Tenho pensado no barulho enquanto incapacidade de muita gente em enfrentar a quietude, confundindo-a com solidão. Evitando encarar possíveis crises, há os que receiam o vazio das horas, mesmo dos dias, em que não se tem uma ideia criativa, um passatempo genial, um encontro enriquecedor. Sem os ruídos cotidianos, o que faço comigo mesmo?

Susanita, personagem de Quino que é contraponto para a Mafalda, pergunta para esta em uma célebre tirinha: "- Diga-me, Mafalda, o que devo fazer com uma pessoa tão interessante quanto eu?" Todavia, sabemos que não somos absolutamente interessantes. Há momentos de singelo e puro vazio. E aí, o que fazer? Face a face comigo, o que devo buscar! Barulho? Um grande e jovem amigo, ao perder a mãe, colocava o som no máximo possível: - Assim eu não penso. E balançava o corpo, alucinado, ao ritmo da batida repetitiva e ensurdecedora.

Será que deveríamos aprender a meditar, como alguns orientais e, se possível, entrar em silenciosa sintonia com o universo? Seria próprio para nossos hábitos barulhentos? Nas escolas não nos ensinam reflexão, meditação; tanto na sala de aula quanto em casa somos adestrados para calar, invariavelmente em momentos difíceis. Devemos nos calar quando alguém está triste, ou doente. Não é de bom tom conversar com quem acaba de passar por um divórcio, comentar a perda de um emprego ou outro problema qualquer. A regra, me parece, é deixar o indivíduo sofrer sozinho. Talvez seja por isso que confundimos silêncio com coisa ruim, com solidão.

Na minha adolescência era fácil estar só em Uberaba. Desde antes eu já tinha costume de, literalmente, subir no telhado e, aproveitando a sombra da caixa d´água passar horas brincando ou lendo. Quando aprendi a andar de bicicleta fui muito além do bairro. Subia a Avenida Elias Cruvinel até o final, indo pela Rua São Paulo até Amoroso Costa, o antigo posto da estrada de ferro. Seguia mais um pouco, pelo corredor de boiadeiros até outro posto da Mogiana, Rodolfo Paixão. Logo acima deste havia uma plantação de eucaliptos marcando uma encruzilhada para não sei onde. Era ali meu lugar preferido para estar só. Naqueles momentos não sabia que "entrava em comunhão com a natureza", ou que pudesse estar meditando. Ficava lá, com meus botões.

A atração pelo silêncio me fez admirar as Carmelitas, as Concepcionistas, as Beneditinas; grupos de religiosas enclausuradas que trabalham, velam e oram pelos uberabenses. Nas carmelitas estive inúmeras vezes com os Padres Somascos. Eram missas matinais, duas, sendo a primeira no convento das Carmelitas Missionárias, que fica na Rua Afonso Rato. Era bem cedo e, em seguida, seguíamos para o Carmelo, na Avenida da Saudade. Logo após a segunda missa vinham as veleiras, aquelas freiras que podem ter contato externo, nos servindo café da manhã farto e delicioso.

Com o grupo paroquial de jovens visitávamos as Beneditinas, do Mosteiro Nossa Senhora da Glória. Um imenso balcão separava em dois espaços a sala de visitas do mosteiro. Sentávamo-nos ao longo deste e as monjas calmas e sorridentes nos recebiam para noites de conversa agradável. Sempre associei a serenidade daquelas mulheres ao modo de vida tranquilo sugerido pelo ambiente do mosteiro. Achei que deveria viver assim, isso me levou aos Beneditinos em Vinhedo, no interior de São Paulo, aos Franciscanos, em Belo Horizonte e... descobri que o claustro não era meu destino.

Viver recolhido no silêncio de um quarto, na solidão de uma cela, é difícil. Ser eremita é para poucos e, para gente como eu, cabe mais o ermitão ou matuto, que me cai como luva. Um matuto geminiano - sei lá o quanto de real há na astrologia - o que me leva também a ter crises de solidão. Houve um tempo em que mascarava minha solidão com rádio ligado, conversa jogada fora, horas e horas de assunto qualquer em mesa de bar. Hoje escrevo com a televisão ligada. Às vezes sem som, mas me acalma olhar para o aparelho e ver o mundo "lá fora". Ilude perante a solidão.

Reconhecer dificuldades de convivência comigo mesmo me leva a evitar assassinatos aos barulhentos de todo dia. Os conflitos, volta e meia, ocorrem: Quando faço cara feia diante do barulho sou chamado ranzinza; se reclamo, me torno o rabugento. Só porque fico de saco cheio com tanto - desnecessário! - barulho. Muitas pessoas perderam a noção do que é estar em um local com mais gente e falam tão alto como se para todo o planeta. Triplica o barulho. E porque não conseguimos ficar em casa, convivendo com nossos silêncios, saímos por aí, roncando motores, tocando buzinas e, os mais surdos, ouvindo música altíssima; aqueles mais delirantes, dando cavalo de pau, abrindo escapamentos acordando a cidade.

Tenho saudade dos silêncios de meu pai; sinto falta das horas de silêncio ao lado de meu irmão. Prefiro as pessoas que se entendem pelo olhar, pelos gestos, pela postura. Fico matutando se essas pessoas que falam sem parar são capazes de perceber a fala que há no olhar, nos gestos e na postura das pessoas.

É contraditório redigir tantas palavras para refletir sobre silêncio, sobre vazio. Lembrando Clarice Lispector, em Água Viva, escrevo "como quem aprende. Fotografo cada instante. Aprofundo as palavras como se pintasse, mais do que um objeto, a sua sombra", o seu silêncio. As sombras silenciosas das tardes quentes de Uberaba. Absolutamente preguiçosas, pedindo horas de deliciosa sesta e, nesta sonhar tranquilo, com aquele momento vivido no tempo.

Um dia a tarde foi interrompida por dois irmãos que não mais moravam em Uberaba. Eles registraram a volta da vida à rua, através de uma janela aberta pelos próprios pais. Simples assim; simples demais; talvez por isso nem se deram conta do tamanho da felicidade que é, em uma tarde de absoluto silêncio, ter os pais emoldurados pela janela da casa que chamamos lar.

Nota: "O silêncio e o vazio" é capítulo do livro O vai e vem da memória, Valdo Resende, lançado em dezembro passado. Para contato com o autor: valdoresende@uol.com.br

ERRATA:

Diferentemente do publicado na edição de Janeiro de 2022 do "Monte Sião", a edição passada tratava-se da nº 595, e não da nº 594. A presente, editada em fevereiro de 2022, está corretamente publicada como edição nº 596.

Memórias de Paolo Pancioli - 6

Antes de partir para Siena, fomos juntos visitar Ed e Giuliana na casa deles no parque em Pisa. A viagem foi pouco cômoda pela precariedade dos meios de transporte (em vagões ferroviários para gado), mas os dois dias de convívio com eles foram maravilhosos, apesar de uma bela indigestão por excesso de boa comida.

Tio Davino, com a ajuda de Nardino, tinha aberto um escritório de despachante para encaminhar e solicitar reembolsos ao governo por danos de guerra e conseguiu muito trabalho. Nesse período, na primavera de 1946, durante um jogo de futebol, em uma queda violenta quebrei meu braço esquerdo. Passei um mês engessado tomando, por ordem médica, uma quantidade enorme de leite condensado americano sem açúcar. A produção de leite local não havia se recuperado devido ao confisco das vacas pelos alemães.

O período escolar terminou e fui promovido com ótimas notas graças ao Danilo. Nessa época, nossa convivência fora dos estudos era limitada pelo namoro com a Roberta. Com isso, minha convivência com o Mauro era sempre maior. Tínhamos muita afinidade e a convivência tinha se estendido também à Maria que já era sua noiva. Infelizmente as necessidades da vida obrigaram Mauro a ser repatriado ao Brasil deixando tristeza e muita saudade da noiva e de todos nós. Ed e Giuliana, também embarcaram para os Estados Unidos em navios separados e a partida deles foi especialmente dolorosa para a mamãe, papai e para nós irmãos. Giuliana e Mauro se encontraram casualmente em Napoli antes do embarque.

Talvez devido a tantas separações e tristezas, me apaixonei.... e por uma bailarina. Já há algum tempo, frequentava a casa de Sergio Gonnella, um velho amigo, e num belo dia, chegou de Milão uma sua prima, Magda Gonnella de 16 anos, com uma amiga. Eram duas bailarinas, alunas da escola de ballet do Teatro Scala de Milão, belíssimas, alegres, cheias de vida e de sedução que me conquistaram instantaneamente. A amiga voltou para Milão no dia seguinte, mas a prima Magda, ficou o suficiente para eu perder a cabeça. Naturalmente multipliquei as visitas ao amigo e uma manhã, talvez casualmente ou quem sabe com um pouco de malícia feminina, fui surpreendido por uma visão encantadora. A moça dormia num quarto que tinha uma porta de vidro que dava para o terraço da entrada. Ao encontrar a porta principal trancada, me aproximei do vidro do quarto para chamar alguém. As cortinas se abriram e praticamente me encontrei diante dela ao sair da cama, com uma exígua roupa de dormir. Ela se cobriu de pronto, mas eu já havia ficado estupefato. Assim, além do ingênuo amor romântico, que já tinha provocado, acrescentou a sedução física que me perturbou profundamente. Dessa maneira, ainda adolescente, descobri ao mesmo tempo a "mulher" e a minha condição indiscutível de "homem". Em seguida, ela, na minha frente e da sua família, com muita desenvoltura, comentou alegremente em tom de brincadeira, minimizando o fato.

Foi um amor que nasceu e morreu rapidamente com a sua partida, deixando, porém, muita saudade. Passado o momento do amor, voltei à realidade. Tio Davino, Tia Iole e Danilo estavam preparando a volta deles para o Brasil onde o Tio iria trabalhar no consulado italiano em São Paulo. Eles também deixariam muitas saudades. As partidas naqueles tempos difíceis e para lugares assim distantes eram sempre traumáticos e tristes, era sempre necessário muito otimismo para imaginar um reencontro. Na realidade, todos nós tínhamos como objetivo o Brasil, mas era só uma ideia e as dificuldades eram enormes. Antes da partida, contrataram um táxi (coisa rara naqueles tempos) e convidaram eu e a Maria para acompanhá-los em um agradável passeio ao Abetone, do qual guardo boas lembranças e diversas fotos. Afinal, no dia 17 de setembro partiram, deixando em todos nós, por várias razões, um vazio maior que o previsto. Recomecei a escola, no segundo colegial, onde imediatamente senti muito a falta do Danilo. Foi de imediato percebido pelo Professor Barsanti, de Matemática, que frente ao meu despreparo numa chamada oral, me perguntou se eu estava apaixonado. Antes estivesse. Era, no entanto, negligência e costumeira paixão pelo futebol e pela leitura de todos os livros, menos os da escola.

Antes do Natal, no dia 8 de dezembro de 1946, festejamos com alegria o nascimento da Shirley, primogênita da Giuliana. Daquele Natal, não me lembro bem, mas deve ter sido triste. Porém, já em janeiro de 1947 uma chegada imprevista nos trouxe ânimo e felicidade. Adelina Castelvecchi, nossa prima, filha da Tia Italia (irmã de mamãe), veio da Inglaterra para passar alguns meses conosco. Não saberia explicar o porquê, mas provocou no nosso espírito e mente uma espécie de renascimento da esperança. Em Barga, superada a fase difícil da reconstrução, notavam-se os primeiros sinais do renascimento da agricultura, do comércio e da indústria. Tinha sido reconstruída uma das pontes e reativados todos os serviços rodoviários, ferroviários e de comunicações. Os edifícios escolares tinham sido recuperados com escadas, portas, janelas e sistemas de aquecimento. Eram passos gigantescos em direção à normalidade.

Bons bebedores na história

JAIME GOTTARDELLO

Costuma-se pensar ou dizer que os grandes bebedores não contribuem em nada para a sociedade. Nem sempre isso é verdade. Alguns dos maiores homens e mulheres da história mundial também ficavam bêbados diariamente. São vários os exemplos de pessoas que serão lembradas para sempre na história do mundo. Bravos guerreiros, políticos sábios, artistas criativos, excelentes esportistas e muitas outras figuras históricas ilustres fizeram essa lista. Basta pensar como seria a história e a existência atual da espécie humana sem essa turma de pingaiada.

Beber muito provavelmente começou cinco minutos após a invenção do álcool. E os livros de história estão cheios de rostos famosos que adoravam uma bebida ou duas. Ou vinte!

Na época de Cleópatra, beber era principalmente um passatempo masculino. Claro, as mulheres de classes mais baixas podiam beber sem vergonha, mas na maioria das civilizações antigas não era muito elegante ficar absolutamente acabada. Havia cerveja e vinho para beber, mas geralmente ingeridos lentamente pelas damas da nobreza, que logo se retiravam para os seus aposentos quando se sentiam a ponto de chutar o pau da barraca. Com exceção, claro, da rainha do Egito. Cleópatra adorava tanto o vinho que ela literalmente tomava banho em uma banheira cheia com ervas aromáticas e vinho.

É certo dizer que o primeiro-ministro mais célebre da Grã-Bretanha, Winston Churchill, sabia como comemorar. Enquanto supervisionava os assuntos do dia-a-dia de seus cidadãos e em meio a uma guerra que se espalhava pelo mundo inteiro, Churchill nunca estava a mais de quatro metros de sua garrafa de uísque favorita enquanto escrevia seus famosos discursos e vencia guerras. Chegou a colocar na conta de sua longevidade os esportes e o uísque: "fique longe dos esportes e se aproxime do uísque", dizia. Resumindo, Churchill foi provavelmente o pingaiada mais funcional que já existiu.

Vincent Van Gogh não era um bebedor padrão. Não bebia cerveja ou uísque. A bebida preferida do lendário pintor holandês era o absinto, o poderoso licor apelidado de "The Green Fairy", a Fada Verde. Na verdade, foi Van Gogh quem popularizou essa bebida quando se tornou um pintor famoso. Hoje, uma marca de absinto ainda leva seu nome. Ele ficava tão bêbado que criou algumas das obras de arte mais conhecidas do mundo. E então ele cortou a orelha.

Frank Sinatra continua sendo um dos cantores mais icônicos do mundo. Entre fazer discos de platina e geralmente ser um cara legal em todos os ambientes em que circulava, o velho Olhos Azuis nunca ficava longe de um copo de seu uísque favorito. Tanto que Sinatra foi até enterrado com uma garrafa de Jack Daniels no bolso do casaco.

Elizabeth Angela Marguerite Bowes-Lyon, também conhecida como Rainha Elizabeth, a Rainha Mãe, mãe da rainha Elizabeth II "A Eterna tia Betinha", viveu até os 101 anos, apesar de uma vida de bebida pesada - e cara. Ela começava o dia com sua bebida favorita, gin, e um vermute rosa. Para o almoço, vinho tinto e vinho do Porto depois. Ela chamava as 18h00 de sua "hora mágica" e sempre tomava um Martini nesse horário. No jantar, duas taças de champanhe. Isso é um total de 70 unidades de álcool por semana em um mundo que agora recomenda apenas 14 por semana para mulheres e 21 unidades para homens, de acordo com a OMS.

Deus salve a rainha! E todos os pingaiadas também, famosos ou não.

A TRÁGICA VIDA HUMANA

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Na vida é assim, uns têm mais sorte; outros, nem tanto. Na caminhada, nem tudo são flores, mas também espinhos. Quando olhamos a distância, parece que todos são felizes, menos a gente. Faz-me lembrar os versos "espuma branca que alveja, mais de longe que de perto". E Millôr Fernandes que disse: "como são maravilhosas aquelas pessoas que não conhecemos bem". Costumamos pensar que apenas nós temos problemas na vida. Eu penso que todos, sem exceção, acabam tendo alguma complicação existencial.

Recentemente ficamos sabendo por quanto sofrimento passou Elza Soares, apesar de sua arte e fama. Por estes dias revi dois filmes que permitem este tipo de análise. Na verdade, duas histórias bem diferentes. Uma nem parece tão trágica assim, mas foi também ironicamente triste. Estou me referindo aos filmes "Jorginho Guinle, só se vive uma vez" e "Camille Claudel 1915". Se tiver interesse, assista.

No início do século 20, a família Guinle foi uma das mais ricas do Brasil. Donos de poderosas indústrias, inclua aí o famoso Copacabana Palace. Jorginho Guinle (1916-2004) foi um dos herdeiros e ficou conhecido por suas extravagantes conquistas amorosas e falência financeira. Consta em sua biografia que, quando jovem, teria dito que não trabalharia um dia sequer na vida. Não trabalhou mesmo, viveu uma vida intensa e sofisticada e morreu pobre, com 88 anos. Dizem que foi um erro de cálculo: ele não imaginou que viveria tanto tempo.

Acredito que a escultura mais conhecida no mundo seja "O Pensador", de Auguste Rodin. Você deve saber. A jovem Camille Claudel (1864-1943) foi sua assistente e amante. Uma grande artista que não teve em vida o devido reconhecimento por sua extraordinária obra. Após anos de um relacionamento conturbado com Rodin, ela caiu em profunda depressão e foi internada num hospital psiquiátrico com 49 anos, onde ficou isolada do mundo até falecer com 78 anos. Imagina o que foram estes torturantes 29 anos internada e abandonada por todos, com receio de ser envenenada, sendo esporadicamente visitada apenas por seu irmão poeta e diplomata, Paul Claudel.

Pequenas histórias sobre a imperfeição humana e seu inexorável destino. A escultura que ilustra esta crônica é de Camille Claudel e se chama "A valsa". Talvez a vida seja isso mesmo, um rodopiar incessante e incerto até que chega o inevitável fim. Muitas vezes, um alívio.

O mago

JOSÉ CARLOS GROSSI

Procurei um guru, mas me serviria um mago, para me dar conselhos ou fórmulas mágicas para curar o sofrimento que me latejava.- A realidade me transformou num ser totalmente inútil, disse ao amigo.

Estávamos pensando na vida entre um copo e um cigarro, fazendo de nós um triângulo vicioso: bebida, cigarro e papel para escrevermos poemas.

Poemas é que não escrevíamos mais, já que esse era o princípio de nossa tristeza. Nossos amores nos mandaram embora e os outros também se foram sem muita parcimônia. Tanto os meus quanto os dele. Assim perdemos os poemas. E a vida que precedeu azeda agora era amarga. A azeitona era amarga. Eram amargos os torresmos e os amendoins, a vodka e o cigarro.

- Deve ser o fígado, cara.

Não era o fígado, o estômago ou o intestino. Era o coração que estava amargo.

- E o cérebro.

Também o cérebro.

Meus pensamentos não ultrapassavam as paredes daquele bar e sequer espiavam pelas janelas. Não evoluíam em qualquer direção. Meu coração sofria porque a última mulher que me deixou era a de quem eu mais gostava. Ainda amava e faria qualquer coisa para tê-la novamente em meus sonhos. Para me sorrir de vez em quando. Dizer que o almoço estava pronto. Esperando-me para o jantar. Contando as histórias das vizinhas. Amando-me...

Então havia um mago na Rua das Acácias, sem número. Outros me disseram que era bruxo, um verdadeiro e talentoso bruxo de quem eu estava realmente precisando, de muita ajuda para curar definitivamente todo o meu desamor.

O mago, ou seria um talentoso bruxo, abriu-me a porta e mandou-me entrar.

Senti um forte cheiro de incenso na casa.

Seus cabelos eram negros e caíam além dos ombros. A barba bifurcava e os olhos eram ocultados pelos cílios.

E ouviu em silêncio minhas confidências e depois chamou amorosamente a mulher para nos trazer a água fluídica, com pétalas de flor e cravo macerado.

- Aceita um chá?

Mas sempre prefiro água por causa das minhas constantes ressacas.

A magnífica mulher surgiu com o copo numa bandeja de prata com um brilho que me cegou momentaneamente.

Era maravilhosa e trajava túnica em seda chinesa, com estampas coloridas e rendas, um colar de pedras vermelhas igual a cor do batom, os pés nus flutuando sobre um legítimo tapete persa e o olhar negro de profundas delícias.

Os cabelos eram ondas de um mar noturno, resplandecido de estrelas...

Era a mulher que havia me abandonado

(sem-título)

MATHEUS ZUCATO

Tenho um problema fundamental em mãos. Por "em mãos", quero dizer que ele resida nalgum canto especial de minha mente e que, quando quer, tira férias no coração. E poderiam estas minhas palavras atraírem algumas questões milenares, como a do que é a vida, a do que acontece após a morte, de onde viemos e se existe vida fora da Terra. Antes, há ainda uma questão que precede todas as outras, pois que, sem ela, acredito, as outras nunca teriam voz. Afinal, eu me questiono: Quem sou eu. Posso tentar responder, simplesmente, que sou minha imagem, isto é, meu rosto, minha pele, meu corpo, meus cabelos e minhas expressões. Contudo, se, por desventura, lesiono-me a ponto de não mais me reconhecer, por exemplo, num incêndio que me destrua a pele, as feições e meus cabelos, quem eu seria? Se me envelheço e me altero a robustez, o que sobra do que eu fui? Ainda, é grave dizer que sou uma imagem, pois as imagens somem com o tempo, o que me traria certa contagem regressiva desvanecente. Posso ser um produto mercadológico, um pedaço de carne pendurado na feira da vida, temperado no sal grosso dos paradigmas sociais, mas é coisa que também me dá certo prazo de validade, no aguardo vitalício de que minha carne irremediavelmente apodreça até o despejo final. Arrisco dizer que sou uma importância, um laço, mas as importâncias são tão tênues que mal podemos vê-las, e já se foram. Basta apertar o específico botão, basta tocar a derradeira melodia, e o caráter do que foi importante se perde em três ou quatro palavras, até nunca mais. Que sou, portanto? Um arranjo de dados pintados nos interesses midiáticos? Fotos coloridas perdidas nos trilhões de pontos de segurança nua; uma centena de informações úteis; estatísticas gélidas na esperança de dançar fora da curva da exatidão? Eis o problema fundamental da vida. O que sou, o que sou, o que somos, o que s-o-m-o-s, o que queremos querer, ser ou não ser, ter ou não ter, pular ou não pular da janela de oportunidades, andar para frente, ser feliz antes de ser. Sou massa de manobra, uma gota no mar dos que são Poseidon, uma individualidade nula, apenas aparente; um voto secreto cego; um amor que já foi amado. Que sou se minha língua parar de cantar, se meus olhos se apagarem, se meus ouvidos se fecharem, se meu olfato se anular? Um figurante no teatro cru da vida, uma poeira estelar vista a centenas-de-milhares-de-bilhares-de-trilhares-de-zilhares-de-anos-luz deste ponto solitário nonde se instalou a vida. A vida que crê em crenças. Que sou, que não possa ser facilmente apagado das cenas televisivas da vida? Que não seja motivo de escárnio? Que sou, sob a vista duma formiga, além de um borrão assassino? Parece ser o detalhe crucial da vida, a possibilidade de ser; e, se penso, logo sou, que resta dos condenados a sonhar eternamente? Que resta dos que passaram a vida na espera duma fera que os atacasse as jugulares de sangue quente de avidez febril por um centelho de vida? Quem sou eu, senão a alma vazia de mim mesmo; o berço de uma nova civilização extinta antes do clamor; o acidentado atrapalhando o trânsito girar; um lar de doenças várias; o número da empresa, o número do telefone, o número da certidão, apenas números andando e perdendo números pelos caminhos; a autoconsciência incrédula de si, o berro desgovernado da extinção, a vaga que o outro perdeu para mim, quem sou? É a questão pétrea da razão, precedente do primeiro passo de um bebê, desconsolada como sempre foi, em busca da resposta que é tão sólida, tão cheia de nós, de nossa essência, de nossas crenças-desejos-bençãos-medos-objetivos-meios-dons-escolhas-relações, enfim, é uma resposta tão densa do que somos, quanto isto aqui:

Crônicas da Loja VI

B. O. B.

Anos 1960
Um olhar embasado
Em um passado
Já meio embaçado

Na Loja vendia óculos de grau pra quem já estava com a vista cansada. Nem tanto pra leitura, a maior demanda vinha da necessidade nos pequenos serviços domésticos como: passar linha no buraco da agulha, tirar bicho-de-pé, escolher feijão e tantas outras miudezas do dia a dia.

Óculos de lentes corrigidas com armação de massa preta tipo Chico Xavier e Jânio Quadros, numerados de acordo com seu grau de 1,5° até 4,5°. No entanto, os graus mais vendidos eram 2,5° e 3°, quando o braço fica curto pra focar um objeto nas mãos.

A "receita" era baseada em uma página de jornal com fotos, manchetes em maiúsculo e textos em minúsculo, pouco valia, pois a maioria era analfabeta e norteava pela nitidez da imagem de um político ou artista conhecido.

O grau 1,5° saía pouco só pra quem não estava precisando e comprava pra, de vez em quando, observar algo de longe, saber quem lá vem chegando na porteira, pra contar as vacas no pasto ou observar melhor qualquer outra coisa.

Um desses interessados pediu pra ver o de grau mais fraquinho. Fazendo um teste nas lentes saiu e foi pro meio do calçamento mirando pra cima da Rua Direita quando sucedeu o seguinte diálogo:

- Nossa, estou vendo o relógio da igreja!

- Ah é, que horas são?

- Eu disse que deu pra ver o relógio, os ponteiros não distingui, o que já é muito bom, antes não estava enxergando nem a igreja.

Outras colocavam os óculos e olhavam para as próprias unhas admiradas como seria fácil cortá-las. Tempos em que oculista era luxo e oftalmologista era palavrão. Depois, com o avanço e esclarecimento viu-se que problema de vista é coisa pra especialista e meu avô achou melhor parar de vender. Tinha médico e advogado na família ele não quis desabonar a ciência e nem sua consciência.

Com olhar retrógrado
Ajusto o foco, escolho o grau
Vejo vivo o passado
Num relato atemporal.

O canto da Poesia

Metafisico

Peixe-peixe
quando fores
não me deixes
em teu mergulho
mais profundo

quero descobrir
os segredos
deste mundo

ave-ave
em teu voo
mais profundo
leva-me suave
a conhecer
a eternidade

J. Carlos Grossi

Prestação de contas

Pois enfim percebo
o encanto trivial
das coisas geniais
que de graça recebo

Hoje 10/02 – quinta-feira
Agenda do dia

Carregarei o andor
e minha fé antiga
na procissão
de um carreiro
de formigas

Eraldo H. Monteiro

NOSSA SENHORA DA MEDALHA

O carrilhão vai tangendo devagar e estridente,
Conclamando os fiéis para a hora da oração.
O povo vem chegando alegre e sorridente,
Muito devoto e contrito com muita devoção...

É a festa da padroeira de Monte Sião,
Nossa Senhora da Medalha, a milagrosa.
A igreja está toda enfeitada e paramentada
Para receber a procissão mui piedosa ...

O Senhor Vigário vem na frente com os coroinhas,
Os festeiros vêm trazendo a Santa Bandeira.
Vêm os festeirinhos com as festeirinhas
E vem a sacra imagem da santa padroeira ...

Mais uma vez os sinos badalam no campanário,
A igreja está feericamente florida e iluminada.
O padre carrega piedosamente o Santo Sacrário
E os fiéis participam e oram na missa cantada...

E lá no altar mor a imagem da santa é colocada,
Nova entoação de sacros hinos se faz ouvir.
O sacerdote vai aspergindo os devotos com água sagrada,
E o eco toma conta do templo num só porvir...

O cerimonial religioso está terminando,
E com ele o santuário vai cerrando as suas portas.
O povo ainda contrito vai se dispersando
E o Vigário com suas palavras o fiel exorta...

E lá do alto do espigão como a glorificar
Nossa Senhora da Medalha, a visão é bonita e cativante,
Quando o catito templo com nossa cidade a ornar,
Sabe acolher os devotos da terra e os visitantes...

Quanta tradição, quanta fé, quanta devoção,
A cidade mantem com a sua padroeira,
Nossa Senhora da Medalha, que protegendo Monte Sião
Protege também o povo dessa terra mineira...

Arlindo Bellini

(Composto ao ler a crônica do Zuca, publicada no "Jornal Monte Sião", novembro de 2021)

SEMANA DE AR-TE 2022

A Ar-te faz vas-ca
Rasa caso acaso
Num compasso pó
Meças passo a passo por teu Marte
Ar

A Ar-te plena
Caso rompas entre-
Tantos fundos
Tantos cumes
Tantos voos
Fures ín-fi-mos la-bi-rin-tos: Dédalo Ícaro
Ar

A Art-te-rana-rana
Traz tanto chocho choro
Kitsch riso
Denso credo: "Credo!..."
Amargo fel: "Taturana Rata Resvala-me: iiissss!..."
Sendo pas-ti-cho
Teu Ar

Ah!...
A Ar-te paira brincos:
Leves pingos
Rubro Kirsche
Luz que apaga e acende nasce e morre Topo Kailash
Sendo intenso SHIVA
Teu AR...
Ah Meu Aaarr!...

José Alaércio Zamuner

Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Fevereiro de 2022 Nº 596

ÚLTIMO TREM

ANIVERSARIANTES DO MÊS

MARÇO DE 2022

Dia 01
Antonio Pedro Mussi
Mirian Guireli de Faria
Ademir Pennacchi
Ellen Fernanda M. da Costa
Dia 02
Pedro Artur Ribeiro
Marco A. Zucato Guireli
Luciano Gomes da Silva
Idione Fonseca Righete
Mary Eulália C. Barbosa
Wilian Augusto de Paula
Priscila de Castro Guarini
Dia 03
Vicente de Paulo Andreta
Francisco Tadeu da Costa
Bruno Labegalini de Castro
Jéferson Bueno
Augusto César Pereira
Dia 04
Elvira Leandro Pereira
Jeruza Renzo
Wilma Maria Rodrigues
Elaine de Lima
Maria Luiza G. Comune
Dia 05
Mariana S. Andreta
Joseli Vicentina da Silva
Luciana Maria Pereira
Dia 06
Gustavo Valentim Rejani, Marumbi/PR
José Armelim
Wander Franco Bueno
Dia 8
Alexandre Pedroso
Luiz Aparecido da Silva
Solange Ap. B. Domingues
Dia 9
Luís Felipe de Castro Ribeiro
Dia 10
Giselle P. Guireli
Therezinha Parlato Labegalini, Kaloré/PR
Bruno Silveira Andreta, São Paulo/SP
Dia 11
Ana Beatriz Araújo
Henrique B. da Fonseca
Thiago Labegalini
Elaine Cristina C. Freire
Dia 12
Nicholas Gottardello Fonseca
Eliana Fumuka U. Gatolini
Carlos Eduardo Barbosa
Tiago Lino
Andreza Augusto
Carolina N. Simões
Dia 13
Juliano Armelin
Dia 14
Edson W. Pereira Zaroni
Amaranta Guireli
Ana Paula V. Labegalini, Maringá/PR
Dia 15
Camila Franco de Morais, Fabrício Guarini
Neuza Godoi Albino
Grecy Daila R. dos Reis,
Dia 16
Hetory Reis Canela
Renato Parreira
Dia 17
Lídia Aparecida Bossi Veloso
Laíse Barbosa de Souza
Elza Bernardi G. Santos
Clarysdele Canela Bueno
Ygor Fávero Nobrega
Dia 18
Sarita Gotardelo de Oliveira
José Carlos Bonassa
Cristiane Labegalini,
Flávia Gottardello Silva
Dia 19
Danieli Comune Faria
Bianca Pennacchi
Josefina Comune Mendonça
Izis Rayara Queiroz
Dia 20
Cláudia Regina Renção, São Paulo/SP
Letícia Daldosso Labegalini
José de Paula Domingues, São Paulo/SP
Cláudio Labigalini
Dia 21
Fátima Cristina Gaspardi
Dr. Alcides Brunialti Jr.
Dia 22
Marília de Souza Santos
Guilherme Laira Grossi
André Costa P. Grossi
Dia 23
José Oscar Takahashi
Lívia Belinato Fonseca
Dia 24
Michele Silva Artuso
Lara Pieroni
Cesarina dos Santos
Eliana Ap. Otaviano
Guilherme Pereira Zucato
Dia 25
Felipe Trindade Diniz
Roselene S. Gottardello
Alcina Maria Otaviano
Dia 26
Sérgio Luiz Bueno
Maria Cristina Gottardello
Ana Paula Gaspardi
José Marcos de Souza
Dia 27
Fernanda Emerick de Souza
Ariovaldo Guireli,
Dia 28
Daniela Godoi Zucato
Simone Simões Cardoso
Benedito Pereira Pinto
Dia 29
Marice Leandro Zucato
Carlos Antonio Rezende
Márcio Giglio Zucato
Aparecida Vilela
Dia 30
José Antonio Pereira
Joseli da Costa Pereira
Silvana M. Bernardi, Formiga/MG
Dia 31
Heloise Correa Constantino
Pedro César Galbiati
Leila Maciel Pereira.

A todos, as felicitações da Redação!

MARINHO, O DIRETOR DA PASTA DE INDUSTRIA, COMÉRCIO, TURISMO, CULTURA E LAZER DA CIDADE DE MONTE SIÃO

Empossado o Diretor da Pasta de Industria, Comércio, Turismo, Cultura e Lazer da cidade de Monte Sião, o Sr. Mário Batista da Silva Filho (Marinho), dono de vasto currículo, com conhecimentos e habilidades suficientes para um bom desempenho. Marinho terá à sua frente o duro desafio de conciliar áreas diversas, cujos interesses, muitas vezes conflitantes, testarão sua capacidade de liderança num contexto multidisciplinar. Desejamos sucesso ao Marinho e que possa valorizar e viabilizar o potencial turístico de Monte Sião. Salve Marinho, monte sionenses te salutant!

COMO NASCE UM EMPREENDEDOR NA ÁREA DE TURISMO

Incomodado pela limitação do mercado de trabalho de professor de educação física e açoitado pelas obrigações, o professor Juliano Righetto, nosso conterrâneo, começou a promover a caminhada rústica (hiking) pelas estradas rurais e pontos pitorescos do município. Foram surgindo adeptos e não demorou muito para que a demanda se expandisse para caminhadas em outros locais conhecidos, como o Caminho da Fé. Atividades aumentando, MEI aberto (@ecomonteturismo) e o professor está se estruturando para projetos mais ambiciosos, como firmar convênios e parcerias com agências de turismo, hotéis e outros afins. Pra lá da hora de firmar a importante parceria, que será, exatamente, com a Diretoria de Turismo do município para a troca de experiências e o desenvolvimento de pacotes destinados aos turistas que visitam nossa Monte Sião! Alea jacta est!

ESTRADAS RURAIS

Diante das queixas de munícipes, apesar das chuvas, as reações exacerbadas e inapropriadas (de servidores) que circularam pelas redes, as estradas rurais do município estão, deveras, abandonadas e necessitando de atenção. Aliás, as estradas rurais são o recurso básico para o desenvolvimento do turismo rural, uma vez que nossa região é pródiga em lugares bonitos. Mas, do jeito que estão, só na base do hiking (a pé). Né mesmo, Professor Juliano Righetto?!

PROSA DE BOTECO: LIDERANÇA NO SERVIÇO PÚBLICO

De acordo com www.lideranca.blog.br (12/01/22) "a liderança no serviço público é assunto importante na administração pública gerencial porque a chave para melhorar o desempenho dos governos é a formação, o desenvolvimento e a manutenção de equipes de trabalho motivadas e comprometidas com as instituições, uma vez que, como missões primordiais, os órgãos públicos devem prestar serviços de qualidade à população e induzir o crescimento econômico", logo, ao administrador público, eleito, concursado ou comissionado, compete agir com zelo, empatia e respeito para com os cidadãos, principalmente se estes tiverem sido seus eleitores. Palavrões e "mandar às favas" geram passivos a serem cobrados no próximo pleito. Fim da prosa!

FALHA NOSSA!, CORREÇÃO:

Erramos ao considerar a mesma data para nascimento de falecimento do Professor José Guimarães, na edição de janeiro de 2022. O Correto é: Nascimento em 05 de maio de 1909 na cidade de Cambuquira, MG, e o falecimento é 01 de julho de 1987, aos 78 anos, em Ouro Fino, MG, cidade onde viveu a maior parte de sua vida. Máxima vênia!

ATENÇÃO COLABORADORES DESTE PERIÓDICO

Colaboradores, não se esqueçam: enviem seus textos até o dia 10 de cada mês.

Fragmentos 8

ARIOVALDO GUIRELI

1 - Era um menino levado. Desses que cuspia entre dentes. Ligeiro. Sempre atento. No pescoço o estilingue certeiro. Gostava de pescar e nadar. Tinha fôlego invejável. Jogava futebol e sabia fazer gols. Alegre. Fazia parte de todas as casas. E um prato de comida sempre o esperava. O tempo, Senhor das horas, passou. Hoje o encontrei envelhecido. Solitário. Arrastando a perna esquerda. E no seu sorriso faltava alegria. Não faz parte de casa alguma. E não tem um prato de comida ao seu sabor.

2 - Naquela madrugada o menino não foi cortar canas. O corpo febril prenunciava dores intensas. A mãe já o chamara duas vezes. Deixou-o com febre e a sua mais fecunda oração. Tinha que trabalhar! Este cenário não é falso. É atual. Nós vivemos num oásis. Pouco conhecemos do real Brasil. Quando viajamos somente visitamos a realidade envernizada entre cores e tons.

3 - Analfabeto total, que não sabe ler e escrever ou mesmo funcional, que lê precariamente, mas não interpreta um texto sequer. A palavra "analfabeto" (em ambos os casos) tem sua conotação pejorativa. Analfabeto parece palavrão e dos mais pesados. Você deve conhecer (entre tantas profissões) pedreiros que nunca frequentaram um banco escolar, mas que faz a "leitura" de uma casa do alicerce à chave na porta. Você teria coragem de chamá-lo de analfabeto? Quantos políticos, em todas as esferas, não sabem ler, mal escrevem e são respeitados e considerados...

4 - Um remédio original custa x, o genérico (dizem que faz o mesmo efeito) mais barato. Não dá pra entender:- Por que a diferença? A classe que pode pagar compra original. A que não pode, a maioria, compra o genérico. E o resultado disso? Na prática a teoria sempre foi outra?! Descaso total em querer uma população sadia. Um país doente não tem esperança e nem previdência! Kant (filósofo) nos ajuda a pensar: "No reino dos fins tudo tem um preço ou uma dignidade. Aquilo que tem preço pode ser substituído por algo equivalente; em troca, o que está acima de todo preço e, portanto, não admite nada como equivalente, isso tem dignidade".

5 - Ser poeta é coisa de vagabundo. Tocar em conjunto musical é coisa de gente que não presta. Ser ator e atriz de teatro, televisão ou cinema é coisa de vagabundos. Ser skatista é coisa de vagabundo. Leva tempo educar este país...

6 - Leia de Fernando Bonassi, editora Cosac & Naify , Passaporte.

7 - Este fragmento foi traduzido pelo professor de literatura inglesa Aroldo Comune.

8 - Beijos gerais.

CASA DAS MASSAS de Lourdes Labegalini
Pães e Massas Especiais
Panetones e Congelados
Rua J.K. de Oliveira, 1.170
Fone 3465-1368
Monte Sião - MG
ACEITAMOS ENCOMENDAS

ACM CONTABILIDADE
ADRIANO - CHARLES - MAURICE
(35) 3465-1635
3465-4404
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise
Bioquímico: Ferdinando Righetto
- Teste do Pezinho ampliado
- Credenciamento com os Laboratórios:
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

PORCELANA MONTE SIÃO
BIBELÔS EM GERAL – CANECAS PARA CHOPP
VASOS – CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil
AGRADECEMOS SUA VISITA
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

Nossos avós já compravam na
Loja do Plácido
A mais antiga da cidade - Desde 1922
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO
Rua Presidente Tancredo Neves, 194
Fone: 3465-1144

VISITE NOSSO MUSEU

ELETRÔNICA MONTE SIÃO
Everson Labegalini
Peças e Acessórios para Áudio e Vídeo
Rua: Carlos Pennacchi º 60 - Loja 5 - Centro - Monte Sião / MG
Cel.: (035) 8404-5136